



## MAPEAMENTO DAS REDES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

Lais Regagnan Dias (IC)<sup>1</sup>  
Angélica Góis Morales (PQ)<sup>2</sup>

*Palavras Chave: Educação Ambiental; Redes; São Paulo.*

### INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental (EA), com base nos movimentos ambientalistas, busca por meio de um saber socioambiental pensar, refletir e agir na sociedade de maneira a valorizar a relação ser humano e natureza numa relação intrinsecamente interdependente (MORALES, 2012). Nesse contexto, a EA assume cada vez mais a função política e transformadora, na qual a participação e a co-responsabilidade dos indivíduos tornam-se alvos centrais para promover essa nova racionalidade.

Nessa caminhada por uma racionalidade socioambiental e por mudanças, espera-se uma reorganização do saber, articulado e inseparável de um esforço fundamental reflexivo e interdisciplinar, que possa estimular e envolver pessoas ou entidades para realizar um trabalho coletivo, pautado na comunicação e participação (MORALES *et al.*, 2010). Ainda, na busca do pensar e agir dentro de um olhar sistêmico e complexo, observa-se que a sociedade contemporânea vem organizando-se na forma de redes, que propiciam flexibilidade e autonomia, potencializam o fluxo dinâmico e as conexões e, ainda, permitem acompanhar a velocidade acelerada de informações a cada dia, mas na tentativa da organização piramidal e hierárquica.

Martinho (2004) define redes como sistemas organizacionais capazes de agrupar indivíduos e instituições, de maneira democrática e participativa, em torno de objetivos comuns, constituindo-se a partir de dinâmicas interativas, coletivas e historicamente únicas (MARTINHO, 2004).

Para Castells (1999), a rede é um conjunto de nós interconectados. Nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta e as redes são estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, integrando outros novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, compartilhando dos mesmos códigos de comunicação. Já para Capra (2002, p.238), ao discutir sobre organização de redes como um dos princípios da ecologia, afirma que:

Os sistemas vivos são redes autogeradoras, fechadas dentro de certos limites no que diz respeito à sua organização, mas abertas ao fluxo contínuo de energia e matéria. Essa compreensão sistêmica da vida nos permite formular um conjunto de princípios de organização que podem ser chamados de princípios básicos de ecologia e usados como diretrizes para a construção de comunidades humanas sustentáveis.

Esses princípios básicos contribuí diretamente na organização em redes nas comunidades humanas, que é considerado por Martinho (2004), um dos desafios interessantes para promover as transformações necessárias para uma nova forma de organização social,

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Administração e bolsista de iniciação científica - PIBIC. [Lais\\_dias147@hotmail.com](mailto:Lais_dias147@hotmail.com)

<sup>2</sup> Profª Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR). Pesquisadora e docente do curso de Administração da UNESP, Câmpus de Tupã. [angelica@tupa.unesp.br](mailto:angelica@tupa.unesp.br)



econômica, relacional e cultural entre pessoas e grupos, que se caracterize pela cooperação, interdependência, autonomia, solidariedade, respeito recíproco e a convivência entre diversidades e diferenças.

Nesse rearranjo, nota-se que as redes estão sendo cada vez mais incorporadas na sociedade atual, e dentro do campo da EA, por meio dessas organizações vem buscando criar conexões ocultas ou não, por meio das formas participativas de aprender, de trabalhar e de atuar sobre e na realidade.

Alguns estudos como o de Carvalho (2004), intitulado “Uma leitura da educação ambiental em cinco estados e um bioma do Brasil”, buscou produzir um mapeamento da EA a partir dos dados gerados em diagnósticos regionais realizados pelas redes de EA; já o de Lima e Velasco (2009) buscou identificar as potencialidades e limitações da Rede sul de EA, conhecida como a REASul. Tais investigações são tentativas de mapeamento para conhecer melhor o desenvolvimento do trabalho em rede nessa área temática.

A esse encontro, essa pesquisa buscou mapear as redes de EA no Estado de São Paulo conhecendo um pouco da sua história, objetivos e princípios a fim de conhecer as redes existentes e suas dinâmicas.

## **METODOLOGIA**

Essa pesquisa, por ter os interesses centrais direcionados para o significado conferido aos atores sociais e o processo pelo qual as ações desses são desenvolvidas, configura-se como pesquisa qualitativa (MYNAIO, 1996; TRIVIÑOS, 1987). Para tanto, o mapeamento realizado teve como delimitação o Estado de São Paulo como área de abrangência, no qual foi investigado as redes de EA ativas no ano corrente. Diante de tal metodologia adotada, a pesquisa dividiu-se em quatro etapas que são:

a) Exploratória: que constituiu na imersão do problema para melhor compreensão da temática da EA através da pesquisa bibliográfica. b) Investigação focalizada: consistiu no levantamento das redes de EA do Estado de São Paulo. c) Coleta de dados: A coleta de dados foi feita por meio de pesquisas online (sites das redes) e de um questionário semiestruturado. d) Análise dos dados: a análise utilizada foi qualitativa, pois se pretendeu “identificar categorias e relações entre os dados coletados, de forma a desvendar seu significado por meio da interpretação e comparação dos resultados com outras pesquisas e referenciais teóricos” (APPOLINÁRIO, 2006, p.160).

## **RESULTADOS**

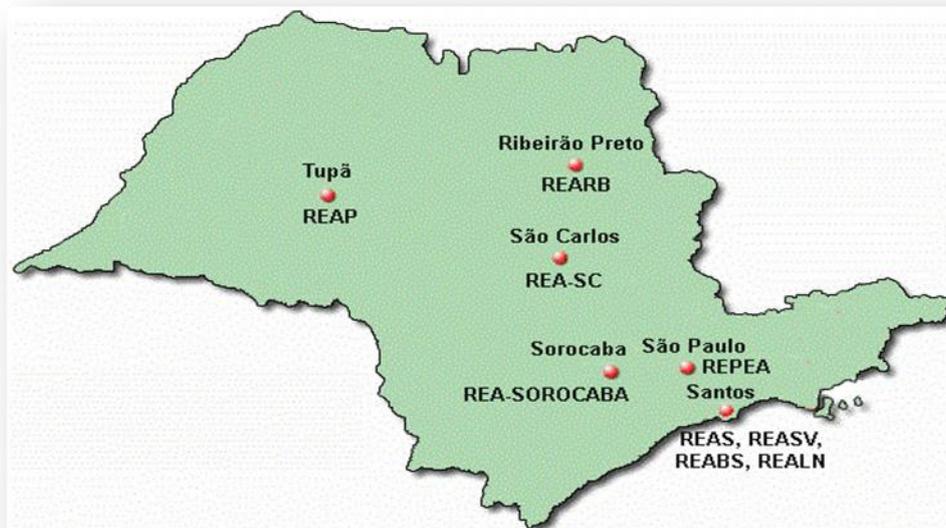
Por meio da pesquisa e análise dos dados, foram identificadas 9 redes que atuam em EA no Estado de São Paulo. São elas: Rede Paulista de Educação Ambiental(REPEA), Rede de Educação Ambiental da Alta Paulista(REAP), Rede de Educação Ambiental de São Carlos(REA-SC), Rede de Educação Ambiental de São Vicente(REASV), Rede de Educação Ambiental da Baixada Santista(REABS), Rede de Educação Ambiental de Sorocaba(REA-Sorocaba), Rede de Educação Ambiental do Litoral Norte(REALN), Rede de Educação Ambiental de Santos(REAS) e Rede de Educação Ambiental de Ribeirão Preto(REARB).

Todas localizadas em diversas partes do Estado, mas, observa-se que há uma concentração maior no litoral paulista como demonstra a Figura 1.

A primeira rede a surgir no estado de São Paulo foi a REPEA(1992) e após ela, diversas outras foram surgindo com o passar dos anos sendo a mais recente a REAP(2012). Embora as redes estejam localizadas em diferentes locais, seus históricos se assemelham entre algumas redes como é o caso de quatro delas que surgiram a partir de projetos de extensão em universidades enquanto que as demais surgiram a partir da iniciativa de grupos de pessoas e ONGs ligadas a EA. Seus objetivos também são muito semelhantes, todas as redes demonstram ter o objetivo de reunir pessoas, grupos e instituições ligadas a Educação Ambiental com o intuito de disseminar e compartilhar as praticas em EA entre si para fortalecer as ações buscando o intercâmbio de experiências entre todos os elos da rede.

Percebe-se que os sujeitos envolvidos nessas redes são em sua maioria educadores e pesquisadores ligados a área ambiental, e verificou-se que os universitários também representam um grande número de participantes nas redes. Tal configuração das redes mostra que a graduação influencia de maneira positiva no pensamento dos universitários sobre esse assunto, levando em conta que a maioria das Redes de EA surgiram por meio de projetos de extensão nas universidades com alunos interessados em participar, como a REAP, REA-Sorocaba, REA-SC e REARB.

A dinâmica das redes em atuarem e/ou estarem engajadas nas universidades, também se deve ao fato delas não terem investimentos e nem gerarem fins lucrativos, resultando em uma dependência exclusiva da dedicação dos participantes para que seja uma rede comunicativa e com boa troca de experiências.



**Figura 1: – Localização das Redes de São Paulo**

**Fonte: Os autores.**

Nessa pesquisa, também identificaram-se algumas limitações das redes, pois notou-se que algumas ainda estão frágeis em alguns pontos, como o fato de não ter fins lucrativos, não ter uma comunicação efetiva e contínua e o problema da horizontalização que, segundo Viviane Amaral (2008), para manter a horizontalização de governança, as redes se ancoram em Universidades com o intuito de manter um quadro elitista na composição dos membros.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se que as redes, algumas em dormência, outras em atividades, ainda estão em momento de expansão e cada vez mais, busca-se por meio delas as conexões e integrações entre pessoas que vem atuando com essa temática e querem de forma coletiva e participativa, pensar e agir em sua região ou local de atuação. Entretanto, para que isso ocorra, será necessário que surjam pessoas engajadas e participativas com o ideal de ajudar a rede a crescer e que contribuam para o nó animador entre os participantes.

Nota-se também que o número de redes existentes no Estado é alto, mas, o maior problema é o fato das redes ainda ter pouca movimentação, e ainda, apresenta rupturas na sua continuidade, o que faz de algumas estarem em período de dormência, sendo necessário esforços para que ela seja reestruturada.

## REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência:** filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thompson, 2006.
- AMARAL, V. Processos e Desafios de horizontalização. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, n. 03, p.79-89, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAPRA, F. **A teia da vida.** São Paulo: Cultrix, 1996.
- CARVALHO, I.C.M. **Uma leitura da educação ambiental** em cinco estados e um bioma no Brasil. Relatório de pesquisa. Porto Alegre, nov. 2004. Disponível em: <www.rebea.org.br>. Acesso em mar. 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- LIMA, A.;VELASCO, S.L. Do universo das redes às redes de educação ambiental, potencialidades e limitações da rede sul brasileira de educação ambiental, REASUL. **Ambiente & Educação**, v.14, 2009. p. 121-135.
- MARTINHO, C. **Redes:** uma introdução às dinâmicas da conectividade e da auto-organização. Brasília: WWF Brasil, 2004.
- MORALES, A. G. *et al.* Ação extensionista fortalecendo a Rede de Educação Ambiental do Paraná. **Revista Conexão UEPG**, v. 6, p. 40-46, 2010.
- \_\_\_\_\_. A formação do profissional educador ambiental: reflexões, possibilidades e constatações. 2.ed. Ponta Grossa: UEPG, 2012.
- MYNAIO, M.C.S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis,RJ: Vozes, 1996.
- TRIVINOS, A. N. S. **Introdução a pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175p. p. 91-115.